

Trabalho final de Literatura Portuguesa e Brasileira I

(2025/26 - Corso di Laurea Magistrale - [M0828] LINGUE, LETTERATURE COMPARATE E TRADUZIONE INTERCULTURALE) - Vera Lucia de Oliveira

Felipe Leme Xavier Augusto - matrícula: 393410

Macabéa e a (feliz) cidade?

A novela *A Hora da Estrela*¹, da escritora Clarice Lispector, publicada em 26 de outubro de 1977, poucos meses antes de sua morte em 9 de dezembro, em uma análise mais superficial, poderia parecer tratar apenas da inadequação de uma moça nordestina que vive na cidade do Rio de Janeiro. Mas, como acontece em muitos textos de Clarice, a cidade – que não é um ser vivo (ou é?) – é contemplada como uma forma de existência pelo narrador, que pontua: “limito-me a contar as *fracas aventuras* de uma moça numa cidade toda *feita contra ela*” (p. 13) [o destaque é meu].

A junção do adjetivo *fracas* ao substantivo *aventuras* expõe a contradição sempre evidenciada por Clarice, que ao mesmo tempo seria algo grandioso como uma aventura, mas não possui vigor e intensidade que se espera de uma. Essa relação contraditória também se expressa na relação da cidade com a moça, pois a cidade foi feita contra ela, de modo a se opor à sua “limitada e vaga existência”.

Desde o início da recepção crítica de suas obras, como por exemplo com a recepção e o texto fundamental “No raiar de Clarice Lispector”², de Antonio Candido, sobre o seu primeiro romance publicado em 1943, *Perto do coração selvagem*, o crítico já antevê brilhantemente aquilo que perpassa toda a obra de Clarice: “o seu ritmo é um ritmo de procura” (p.129) e “como a vida, o romance de Clarice Lispector é um romance de relação” (p. 130).

Nesse sentido, o romance apresenta uma tríade de narrador (Rodrigo S. M.), autor (Clarice Lispector) e personagem (Macabéa), chave para a compreensão do livro, com desempenhos intercambiados, e que portanto, se relacionam de um modo a sempre procurar ser o *outro*, e também expõe as impossibilidades dessas transfigurações poéticas. Dessa forma, a cidade é vista como uma alteridade à

¹ LISPECTOR, Clarice (1977). **A hora da estrela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2020. 91 p. ISBN 978-65-5595-023-6 (recurso eletrônico). *E-book*.

² CANDIDO, Antonio. **No raiar de Clarice Lispector**. Em: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1977. pp. 125-131

personagem Macabéa e vice-versa. Bem como, narrador e personagem se intertrocam, como quando o narrador visualiza Macabéa no espelho, até que vê a si próprio: “Vejo a nordestina se olhando no espelho e [...] no espelho aparece meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos” (p. 56).

A professora doutora em teoria literária Regina Pontieri, em um texto para a revista USP, chamado “Visões da alteridade: Clarice Lispector e Maurice Merleau-Ponty”³ discorre sobre as similaridades e diferenças entre a obra de Clarice Lispector e a filosofia de Maurice, principalmente no que diz respeito à questão da alteridade, e a relação do *eu* com o *outro*, além de também tratar de Sartre para as suas comparações. Logo no início de seu texto ela aponta que “a experiência de construção da identidade através do confronto com a alteridade” é um “fio temático condutor” na obra de Clarice. Com isso, pode-se observar que estas relações com os outros estão sempre presentes em suas obras, sejam humanos – como o homem, a mulher, a jovem – ou não humanos – como animais, objetos, ou entes maiores: uma cidade. A escrita de Clarice, portanto, por mais íntima e pessoal, sempre esteve ligada ao mundo, às relações, e consequentemente, à sociedade.

Em particular, nesse seu último livro publicado em vida, seu caráter social está mais evidente, com uma obra que ao mesmo tempo reflete de maneira incisiva e em termos da essência da *coisa*, sobre o ofício de escrever e de criar uma história, através da lente do narrador interposto Rodrigo S. M., como também aponta para uma crítica extremamente irônica à sociedade contemporânea capitalista. No ensaio *A coisa social*⁴, José Miguel Wisnik delinea:

Engana-se, pois, quem pensar Clarice como uma escritora desligada da inquietude e do fervor social, supostamente mergulhada nos desvãos existenciais e psicológicos de uma obra da qual a dimensão política estaria ausente. O que acontece é que o sentimento da injustiça está pulsando, sempre visceralmente, e com a “veemência da arte”, justamente ali onde é menos esperado. (WISNIK, 2021, p. 448)

Assim, esse sentimento de injustiça é revelado na relação Macabéa e cidade, e também, num jogo que, julgo oportuno, de palavras: Macabéa e a (feliz) cidade? Formulado como uma pergunta, interessa-nos saber se existe alguma felicidade, e (feliz) cidade nessa história? Para isso pretendo expor alguns trechos que considero

³ PONTIERI, Regina Lúcia. **Visões da alteridade**: Clarice Lispector e Maurice Merleau-Ponty. Revista USP, São Paulo, v. 44, p. 330-334, dez./fev. 1999-200.

⁴ WISNIK, José Miguel. *A coisa social*. In: ROSENBAUM, Yudith; PASSOS, Cleusa Rios P. (org.). **Um século de Clarice Lispector**: Ensaios críticos. 1. ed. São Paulo, SP: Fósforo, 2021. cap. Parte V - Estórias enredadas, p. 446-465. ISBN 978-65-89733-49-2. livro eletrônico.

importantes para essa compreensão.

Logo no começo do livro, o narrador fala da dor de dentes que perpassa a história e que ele canta “alto e agudo uma melodia sincopada e estridente”, melodia essa que é sua própria dor: “eu que carrego o mundo e há falta de felicidade. Felicidade? Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes” (p. 10). De uma certa forma, Macabéa inventa uma felicidade só para si, como as tais “nordestinas aos montes”, mas essa, resultado de uma profunda alienação.

Para retomar então a primeira citação do livro colocada aqui, a frase seguinte à parte em que o narrador diz da “cidade toda feita contra ela”, no mesmo parágrafo: “Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário” (p. 13). Assim, sua ignorância também é produto de um problema estrutural no Brasil, relacionado ao analfabetismo, e o narrador, ao dizer que ela deveria ter ficado no sertão de Alagoas, evidencia o caráter da grande cidade, do Rio de Janeiro, que não seria lugar para Macabéa – talvez por ela ter uma “delicada existência”, enquanto a cidade, uma existência bruta, concreta e violenta.

Portanto, a falta de felicidade que é de conhecimento do narrador, e que olha no mundo também essa falta, observa em Macabéa a falta da falta: Macabéa não sabe quem se é. O narrador aponta que se ela perguntasse a si “Quem sou eu?” “cairia estatelada em cheio no chão”. (p. 14) Nessa sua ignorância se dará o genial diálogo com Olímpico de Jesus, por quem se apaixona, em que ela expõe essa sua ignorância, e ao fazê-lo, é como respondesse a sua visão de si, ao perguntar para Olímpico o que eles poderiam falar, na falta de assunto da conversa, Olímpico sugere que o assunto seja ela mesma, mas ela enfim diz: “Desculpe mas não acho que sou muita gente”, “É que eu não me habituei”, e “É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para conseguir ser possível?” (p. 43).

Macabéa, deslocada de si, e com a sua ignorância, não acontece: ela só sabe não ser. Dessa forma, tem em si falsos sonhos e gostos, assim como a cidade é falsa e plástica – muito representativos de uma sociedade das aparências – ela que gosta de Coca-Cola, que quer ser artista de cinema, que gosta de passear no metrô. Gostos, portanto, que indicam sua própria alienação ao comparar com o real possível. Tal é a alienação que sua relação com a cidade não é infeliz, mas isso porque ela não sabe.

Dessa forma, é possível observar um ponto em que as dúvidas são postas à parte, culminando a um momento, que para não utilizar o termo usual e desgastado "epifania", muitas vezes referido para comentar as obras de Clarice, me interessa a leitura propiciada pelo professor de teoria literária e comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, João Camillo Penna, que reavalia a noção do termo "epifania" em um ensaio profundo, e através de James Joyce e de textos importantes da escritora, desconstrói o termo, de origem teológica, para elucidar que em Clarice, "a encarnação epifânica é a desencarnação de um mundo messiânico, nem belo, nem feio, mas neutro. Não epifania, mas mundo afinal apresentado em sua nudez".⁵(2010, p. 95). Esse ponto pode ser evidenciado pelo final trágico do livro, com a morte de Macabéa, e sua enfim "hora da estrela". A estrela, o símbolo da Mercedes que a atropela. Como na música da banda britânica Radiohead, que se chama *Plastic Trees*⁶, diz: "em um planeta de plástico" e "em uma cidade cheia de planos de mentira" [a tradução é minha], a cidade, e por conseguinte o Brasil, se traduz então como a própria violência, pois na sua artificialidade e no seus planos de mentira, produz subjetividades de "inocência pisada" (para usar um termo dito pela própria Clarice em sua entrevista célebre à TV Cultura⁷), que é, enfim, a própria Macabéa.

No fim, o narrador, depois de Macabéa ser atropelada e já deitada no chão, diz: "teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte" (p. 76). A morte foi sua realização, seu momento de estrela, e finalmente sentia a úmida – que indica a chuva, mas também o sangue – felicidade. Portanto, que feliz (cidade) é essa que reduz a sua estrela a sua morte?

Enfim, apesar dessa desesperança que permeia o tom do livro, é sempre salutar recuperar a última frase do livro: "Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos. Sim." (p. 78). Como no início do livro, em que "tudo começou com um sim", seu final também é criador, pois ao terminar com o sim, indica a possibilidade, talvez futura, de que alguma mudança seja possível, porque "ainda é tempo de morangos", o que parece, na minha visão, que ainda há tempo para uma nossa

⁵ PENNA João Camillo. **O nu de Clarice Lispector**. Alea: Estudos Neolatinos [online]. 2010, v. 12, n. 1 [Acessado 18 Dezembro 2025], pp. 68-96

⁶ FAKE Plastic Trees. Intérprete: Radiohead. Compositores: Philip James Selway / Jonathan Richard Guy Greenwood / Edward John O'brien / Thomas Edward Yorke / Colin Charles Greenwood. In: LECKIE, John. The Bends. Intérprete: Radiohead. [S. l.]: Parlophone, 1995. faixa 4. Disponível em: <https://youtu.be/n5h0qHwNrHk?si=qv2bmLyhlmwIMUK9> . Acesso em: 18 dez. 2025.

⁷ PANORAMA com Clarice Lispector. Direção: Júlio Lerner. Gravação de TV Cultura. [S. l.]: TV Cultura, 1977. Disponível em: <https://youtu.be/ohHP1I2EVnU?si=d9yY5fYRtFvVUKTc> . Acesso em: 18 dez. 2025.

mudança, enquanto sociedade de Macabéas.